
A CIDADE COMO LUGAR DE CONFLITO: AS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA E CIVILIZAÇÃO NO COTIDIANO DE SENADOR POMPEU – CE (1901-1930)

THE CITY AS A PLACE OF CONFLICT: THE PRACTICE OF VIOLENCE AND CIVILIZATION IN DAILY LIFE IN SENADOR POMPEU - CE (1901-1930)

Lucas Pereira de Oliveira
Mestrando em História/UECE-PUCRS (sanduíche)/ Bolsista CAPES
lukaspereira2@hotmail.com

RESUMO: pensar as práticas de violência e civilização nas cidades e como elas se deram no decorrer do percurso histórico são essenciais para refletirmos a sociedade na qual habitamos, seus desejos, conflitos, medos e aspirações. Desta feita, na tentativa de compreender suas relações é que se insere esta pesquisa, na busca por analisar o *cotidiano* (CERTEAU), por hora violento e por hora civilizado da cidade de Senador Pompeu/CE, cidade do sertão cearense, nas primeiras três décadas do século XX. Este ensaio faz parte de inquietações da dissertação de Mestrado em curso. Buscaremos refletir até que ponto o processo de civilização (ELIAS), através da normatização do Estado (leis/convenções/normas), auxiliou ou não redução dos instintos violentos (DA MATTA) dos indivíduos na sociedade e na transformação de seus hábitos e costumes (THOMPSON). Essencialmente utilizamos como fonte para esta pesquisa as Ações Criminais encontradas no Fórum Dr. Francisco Barros Gomes em Senador Pompeu-CE. Utilizaremos também os Códigos de Posturas, Código Penal, Livros de Protocolos, Tombos, Atas de julgamentos e os Jornais de veiculação do recorte temporal. Apoiados numa relação de interdisciplinaridade entre história, sociologia e direito, buscamos discutir e problematizar o fenômeno da violência dentro do cotidiano de práticas da cidade de Senador Pompeu-CE. Dessa forma, historiadores dentro de suas possibilidades, sempre buscam trabalhar com questões que os inquietam e com os anseios da sociedade em que faz parte, na busca por identificar, traduzir e resignificar as ações dos homens no tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Civilização. Violência.

ABSTRACT: Thinking practices of violence and civilization in cities and how they gave during the historical course are essential to reflect the society in which we inhabit , their desires , conflicts , fears and aspirations. This time, in an attempt to understand their relationship is that fits this research, the search for analyzing everyday (CERTEAU) per hour violent and civilized hour from the city of Senador Pompeu/CE, backwoods town of Ceará, in the first three decades the twentieth century. This essay is part of the Master's dissertation concerns ongoing. We will seek to reflect the extent to which the process of civilization (ELIAS), through the normalization of the state (laws / conventions / standards), or not helped reduce violent instincts (DA MATTA) of individuals in society and the transformation of their habits and customs (THOMPSON). Mainly used as a source for this research found the Criminal Actions Forum Dr. Francisco Barros Gomes Senador Pompeu - CE . We also use the codes postures, Penal Code , Books protocols, Tumbles, Proceedings of judgments and newspapers serving the time frame. Supported by an interdisciplinary relationship between history, sociology and law, we discuss and problematize the phenomenon of violence in the everyday practices of Senador Pompeu

- CE. Thus, historians within their means, always seek to work with issues that trouble them and with the expectations of society in part, in seeking to identify, translate and reframe the actions of men in time .

KEYWORDS: City. Civilization. Violence.

Considerações iniciais: “e então um novo caminho surge...”

“Novos tempos levam há novas historicidades; boas perguntas constituem campos inesperados”. Asseverava o historiador Marc Bloch, nos fazendo refletir que os historiadores estão sempre fadados a questionar seu ofício, dentro das exigências do tempo e lugar em que vive. De fato, a dinâmica histórica é mesmo essa, é o que cada tempo e espaço exigem dela. Não há dúvidas que cada teoria teve/tem sua significação em seus determinados contextos, assim como influenciaram para o que a História é hoje. Tomamos como centro do nosso debate uma história que não mais se compromete com a verdade pronta e absoluta, mas exatamente com as várias interpretações de mundo, por meio das práticas, representações, signos, imaginários, sensibilidades entre outros.

Violência, crime, norma, cotidiano, civilidade, são temáticas por nos apropriadas e desenvolvidas através de suas representações. Assim, na perspectiva de que as representações repensam tudo o que se entendia como o “real” incontestável, insere-se como o foco promissor da então, história Cultural. Porém, para além das polarizações, Chartier percebe que, é possível,

(...) pensar uma história cultural social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, á revelia dos actores sociais traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que paralelamente descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 2002, p. 19).

Nesse sentido nos deparamos com um passado, que pode ser reinventado e reescrito inesgotavelmente e de variadas formas. E assim, nos encontramos em um misto de gêneros históricos que torna os estudos dessas reinvenções possíveis. Entretanto, a tal liberdade para reconstruir o passado, própria dos nós seres humanos, só é posta em nossos estudos, por meio

de um poder/saber que desloca e estabelece fronteira. E é da academia, portanto, o papel de delimitar quais interpretações são desejáveis ou não para a sociedade na qual fazemos parte.

Nessa perspectiva somos convidados a repensar sobre o caminho que nos encontramos hoje, e principalmente, onde este artigo aqui se insere, nesse novo fazer historiográfico, mais especificamente no campo daquilo que chamamos hoje de Nova História Cultural¹.

Exteriorizando-se dos mundos possíveis do escrito, somos levados a problematizar a violência dentro de seu ambiente de práticas, a cidade, entendendo-a “como um lugar de uma produção coletiva de múltiplos agentes sociais” (PESAVENTTO, 2004). E são na verdade os atores sociais interiores e exteriores aos processos que criam, reproduzem e reformulam convenções, ou mesmo uma ideia própria de *Violência* e de *civilidade*, que abordaremos a seguir.

Um retrato da cidade: Senador Pompeu entre velhos e novos hábitos

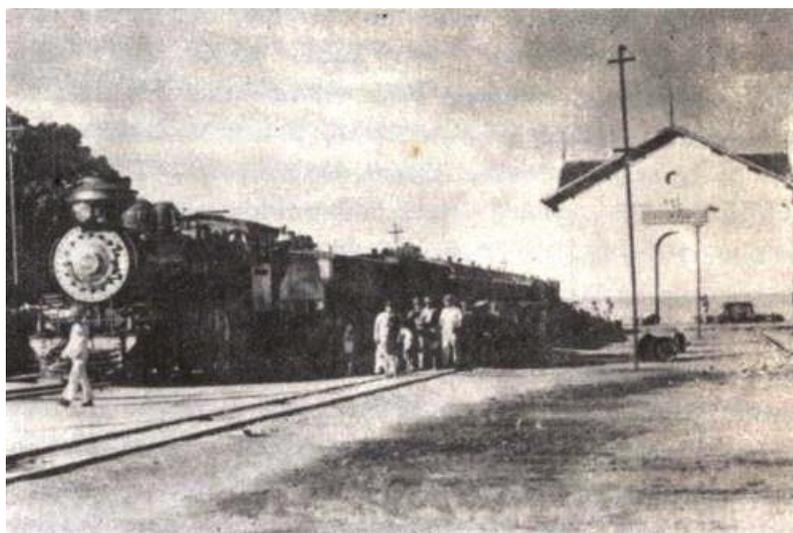
Essa pequena cidade do interior cearense descansa preguiçosamente às margens do rio Banabuiú. Em 03 de setembro de 1896, a então Vila de Humaitá, torna-se emancipada politicamente de Maria Pereira, atual Mombaça/CE. Um pouco depois, em 1901, a antiga Vila dá seus primeiros passos enquanto cidade oficialmente constituída, através da lei n. 659 de 22 de agosto de 1901. O traçado dessa cidade, assim como tantas outras do interior, tem seu ponto inicial na Igreja, em nosso caso a Capela de Humaitá. Senador Pompeu é escolhido para dar nome à recém cidade. Este nome foi dado em homenagem ao senador da República, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, importante nome da política brasileira da primeira República. Foi escolhido, por ser um dos principais nomes na política que influenciou na vinda da via férrea para o município, ligando o interior a capital. Acerca da linha férrea, Antonio Vitorino Farias Filho, em sua dissertação sobre o discurso do progresso e a sua intervenção no espaço urbano da cidade de Ipú/CE relata que:

¹ Expressão utilizada por Lynn Hunt em sua obra, tendo em vista a mesma nos proporcionar há pensarmos os princípios que fundamentam a Nova História Cultural, explicando os seus objetivos e mostrando o quanto é complexa o estabelecimento da dinâmica da expressão e interpretação do passado.

O trem enquanto um artefato produto da técnica passou a ser visto como um grande símbolo capaz de auxiliar a população local no caminho de produzir e explorar riquezas, de incentivar o trabalho ao mostrar ao povo os seus benefícios, de despertar a inventividade, de estimular a arte científica, de tirar a localidade de seu “isolamento” em relação ao Brasil e ao mundo, de tirar-lhe do “atraso”. A partir da chegada da locomotiva, cria-se também a noção de que teria início um processo de transformação material da cidade, da negação de um passado marcado pela não exploração de suas riquezas fáceis, em detrimento de um futuro de prosperidade material. (FARIAS FILHO, 2009, p. 47).

O trem, símbolo do progresso, do qual relata o autor, modifica o cenário do interior, a ele Ipú/CE, ao nosso caso Senador Pompeu/CE. Na imagem a seguir, trazemos a luz desta análise, a fotografia da primeira locomotiva “Maria-Fumaça”² que cruzou a fronteira de Senador Pompeu/CE, saindo da capital Fortaleza no dia 02 de julho de 1900 e indo em direção ao sul do Estado.

Figura 01. Fotografia datada de 02/07/1900, mostrando a passagem da primeira locomotiva no município de Senador Pompeu.



Acervo: Anuário dos Municípios, IBGE, 1959.

² No dia 02 de julho de 1900 – a data está colocada em relevo na fachada da estação – as quatro horas da tarde, chegou em Senador Pompeu o primeiro trem de passageiros. Era a viagem inaugural da linha de ferro Fortaleza-Juazeiro do Norte. A locomotiva 104 foi logo chamada de “Maria fumaça”. Tinha com seu itinerário o seguinte trajeto: Após sair de Senador Pompeu, o trem passava a ponte de ferro sobre o Rio Banabuiú, construído na forma atual em 1906, parava na parada 302, posteriormente chamada de Engenheiro José Lopes; prosseguia para Girau, hoje Piquet Carneiro; Miguel Calmon, hoje Ibicuã; Afonso Pena, hoje Acopiara; Quincê, Susuarana, Iguatú e, enfim Juazeiro do Norte. (GIOVANAZZI, 1998).

Nessa figura, na qual mostra a passagem da locomotiva 104 nos parece bem emblemática. Se o discurso é levar o progresso a cidades do interior, através da estrada de ferro, nada mais importante do que registrar esse evento. Notemos na imagem a quantidade de pessoas ao lado da locomotiva, homens e mulheres que possivelmente colocaram seus melhores trajes para este acontecimento. Aqueles que “a viram chegar à cidade não tinham dúvidas de que o progresso, que até então era visto apenas como um devir, a partir dali passaria a ser também uma realidade”. (FARIAS FILHO, 2009, p. 46). Durante o início do século XX houve tímidas modificações em seu espaço urbano, como por exemplo, o alargamento de suas ruas, construção de novas casas, obras para facilitar de ligação entre municípios, e amenizar os efeitos das secas. Houve também nesse período uma preocupação com as práticas de higiene dos habitantes. Nestas primeiras décadas do século XX, os ares da “modernidade” e progresso pareciam circular livremente por entre os habitantes.

A fotografia nos parece veicular a noção da cidade em progresso. Ao transmitir movimento, mudança, a cidade de Senador Pompeu passa a ser vista não como estática, mas em transformação, pela mudança nos hábitos e costumes da população, nas suas relações econômicas, propostas pelo capitalismo, entre outros. As paisagens representadas por essas fotografias, anunciam essa modernidade, as transformações urbanas e o cotidiano de forma geral, em que o golpe de corte efetuado por esse fotógrafo privilegiou certos aspectos que construiu uma visualidade da modernidade para a cidade de Senador Pompeu/CE.

A fotografia, nesse contexto, é o meio que mais ratifica a idéia de modernidade e progresso. São cenários que modelam uma maneira de ver o espaço, uma vez que o espectador visualiza uma paisagem que fala do desenvolvimento, da civilidade, da racionalidade expressa nas formas urbanas e nos modos de vida. Ao registrar o espaço vivenciado no início do século XX, o fotógrafo desvendou códigos e signos aparentemente ocultos ao olhar, mostrando a polifonia urbana, povoadas por formas, paisagens e significados que dão o sentido de progresso de uma cidade do interior do sertão, distante da capital.

A chamada Pedra da Estação, um espaço de concreto entre os dois trilhos existentes, com seus inúmeros embarques e desembarques foi palco de encontros e despedidas, de investidas econômicas e interação cultural do novo, trazido da capital (novidades na moda, economia, produtos industrializados, entre outros) e do velho experimentado (comércio de

produtos caseiros, tapioca, bolo, suco). Despedindo-se do antigo, e, esperando o novo chegar, os homens e mulheres pompeuenses ficariam a olhar atento o “progresso” chegar à cidade de Senador Pompeu. Há nesse momento a interação cultural de duas realidades distintas, a capital e o interior.

Senador Pompeu é uma pequena cidade do interior do Sertão Central cearense, e, até hoje, preserva costumes³ que em certa medida não existem nos grandes centros urbanos, como Fortaleza/CE, Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP, por exemplo. Esta cidade, assim como outras do interior, não tem a vida velozmente marcada como na capital, onde o relógio é que determina e baliza as práticas e experiências dos indivíduos. Uma vez que,

(...) o homem da cidade, diferentemente do habitante da pequena cidade ou da aldeia, vive num ritmo acelerado em todos os setores da vida, deve utilizar todos os instantes, controlar todos os minutos, compreender, decidir, modificar as decisões com extrema rapidez, sem o que no chegaria ao fim do seu dia. (BARROS, 2012, p. 86).

A marcação no relógio é a mesma – hora, minutos e segundos. Porém, o tempo das grandes cidades não é o mesmo tempo de cidades do interior, cuja maioria ainda permanecia rural no início do século XX, não sendo afetada diretamente pelas discussões de civilização apropriadas pelos grandes centros urbanos brasileiros. Existe aí, uma peculiaridade na marcação do tempo, e “(...) essa individualização da regulação social do tempo apresenta, em caráter quase paradigmático, os traços do processo civilizador”. (ELIAS, 1998, p. 22). Para a historiadora Margarida de Souza Neves em sua obra sobre os cenários da República, discorre que esse contexto da primeira República, em cidades do interior, “tudo parecia ser sempre igual, e o tempo, ao menos aparentemente, ainda seguiu o ritmo da natureza”. (NEVES, 2008, p. 15).

³ Quando referencio os costumes, apoio-me nas reflexões trazidas por Norbert Elias (1994), com seu trabalho sobre o processo civilizador, que fez com que os historiadores intensificassem os estudos e as análises sobre mudanças sociais, especialmente a mudança dos costumes na vida privada e na vida pública e a importância dessas mudanças para a consolidação de uma civilização ocidental. Norbert Elias identifica “o padrão de hábitos e comportamento a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo” (ELIAS, 1994, p. 95).

Porém, não é só a marcação do tempo que difere esses dois campos – capital/interior, mas, sobretudo suas práticas e experiências humanas. O escritor Georg Simmel, em seu trabalho sobre as grandes cidades, discorre o seguinte enunciado:

As relações da cidade pequena (...) são baseadas nas relações pautadas pelo sentimento. Pois estas lançam raízes nas camadas mais inconscientes da alma e crescem sobretudo na calma proporção de hábitos ininterruptos. Pois estas lançam raízes nas camadas mais inconscientes da alma e crescem sobretudo na calma proporção de hábitos ininterruptos. (SIMMEL, 1995, p. 578).

Sentar na calçada, tomar uma xícara de café no vizinho, ajudar no trabalho agrícola de seus familiares. Essa relação de proximidade pautada pelo sentimento é bastante presente no início do século XX em cidade do interior, como Senador Pompeu.

As cidades são marcadas pela conflitante convivência entre hábitos classificados como “incivilizados” e um discurso que busca estabelecer um controle sobre esses hábitos. Esse discurso moralizador do Estado nos evidencia a violência como um hábito que caminha contra as ideias de civilização e progresso alcançado pela esfera econômica. Em todo o séc. XIX e início do séc. XX, essas discussões sobre a ordem urbana, condutas sociais e os devaneios da moral entram em cheque.

A Violência versus A Civilização

Ao enxergarmos “a cidade a partir de uma multiplicidade de aspectos” (BARROS, 2012, p. 18), compreendemos que a violência percebida na cidade de Senador Pompeu/CE revela muito dos valores normatizantes e moralizantes dos inúmeros personagens que ali habitam. Suas práticas de violências são imbuídas de valores construídos historicamente. Deste modo, “(...) nas esferas cotidianas, seja no poder instituído ou nos usos e costumes da população, a violência se caracterizava como componente intrínseco nas mais diferentes instâncias da vida cearense”. (VIEIRA JUNIOR, 2005, p. 12).

Nesse sentido, procuramos entender o fenômeno da violência como um processo histórico, e como “parte da própria condição humana e da própria vida em sociedade” (DA MATTA, 2006, p. 12), em que a *civilização*, através dos ordenamentos jurídicos do Estado,

normatiza essas práticas, moldando seus hábitos e costumes de nossa sociedade. Desta feita, as ações sociais de cada tempo histórico permitem transformações nos hábitos e costumes socialmente aceitos.

O desenvolvimento da civilização em seu processo histórico mostra que as transformações tecnológicas, ambientais, filosóficas, psicológicas, econômicas, religiosas influenciam e contribuem para a modificação e o surgimento de novos circuitos biológicos, psicológicos e sociais. Entretanto, não elimina a presença de circuitos primitivos que, em determinadas circunstâncias, emergem, até porque fazem parte de registros genéticos transmitidos ou culturalmente herdados. (ALMEIDA, 2010, p. 08).

Nessa discussão do desenvolvimento da civilização, vivenciada na Europa e resignificada no Brasil no século XIX e início do século XX, todos os componentes externos (avanço tecnológico, desenvolvimento econômico capitalista, avanço educacional e cultural) ligam-se, em simbiose, com os componentes internos do homem (sua própria natureza). Ao tratarmos disso, lembramos de Sérgio Buarque de Holanda em seus escritos sobre o Homem Cordial⁴. Para ele, o homem cordial, é uma herança brasileira, não sendo apenas bom, afável, mas também aquele que age “emocionalmente”, de coração, para o bem ou para o mal da sociedade. (HOLANDA, 1995).

Através das discussões alçadas pelo historiador Jean Strarobinski, em as *Máscaras da Civilização*, entendemos que,

A palavra civilização pôde ser adotada tanto mais rapidamente quanto constituía um vocábulo sintético para um conceito preexistente, formulado anteriormente de maneira múltipla e variada: abrandamento dos costumes, educação dos espíritos, desenvolvimento da polidez, cultura das artes e das ciências, crescimento do comércio e da indústria, aquisição das comodidades materiais e do luxo. Para os indivíduos, os povos, a humanidade inteira, ela designa em primeiro lugar o processo que faz deles

⁴ Para Sérgio Buarque de Holanda, o “homem cordial” – contribuição do Brasil para a civilização, que se desenvolve a partir de características peculiares aos povos ibéricos e a partir de características comuns à formação de nossa sociedade colonial – tem certas marcas que o distinguem. Ele sente pavor em viver consigo mesmo; para ele, a parcela social, tende a ser o que mais importa. O “homem cordial” sente dificuldade de uma reverência prolongada ante um superior; até prestamos reverencia, desde que não seja suprimida a possibilidade de convívio mais familiar. Outro aspecto comum ao povo brasileiro, segundo SBH, legítimo representante do “homem cordial”, é o tratamento dos santos com uma intimidade quase desrespeitosa; o próprio Deus é um amigo familiar, doméstico e próximo. Nossa cordialidade se traduz ainda em horror às distâncias interpessoais até mesmo no campo espiritual. Para nós, o rigor do rito se afrouxa e se humaniza. (HOLANDA, 1995).

civilizados (termo preexistente), e depois o resultado cumulativo desse processo. É um conceito unificador. (grifo meu). (STAROBINSKI, 2001, p. 14)

Assim, segundo o sobredito autor, “(...) civilizar a sociedade é corrigir seus costumes e seus usos produzindo na sociedade civil uma moralidade luminosa.” (STAROBINSKI, 2001, p. 12). Em sua obra historiográfica procura-se discutir intensamente desde o vocábulo da palavra civilização, durante todos os contextos históricos, dando ênfase as discussões e análises dos filósofos Montesquieu, Voltaire e Rousseau. Nesta obra, numa perceptiva crítica e negativa de civilização, relata que: “o que a civilidade queria repelir, retorna, mas desta vez a máscara da civilidade”. (STAROBINSKI, 2001, p. 76). De tal modo, toda essa polidez e contenção, construída a partir dos ideias civilizadores, significariam na verdade um homem trajando sua mais bela e perfeita camuflagem, onde a máscara esconde o rosto, as belas roupas escondem os traços mais imperfeitos de seu corpo e por fim, as palavras gentis abrigam os mais negros sentimentos humanos.

Devemos perceber que, as redes de violências ocorrida na cidade, são ocasionadas também pela falta de autocontrole dos indivíduos, isto da (in) civilidade da sociedade. Tendo em vista, que, o autocontrole é fruto do processo educacional e civilizatório de uma coletividade, cultivado diariamente pela sociedade ocidental civilizada. E a doutrina da civilidade tenta reprimir as práticas de violência.

Os instintos, as emoções, eram liberados de forma mais livre, mais direta, mais aberta, do que mais tarde. Só para nós, para que tudo é mais controlado, moderado, calculado, em que tabus sociais mergulham muito mais fundamente no tecido da vida instintiva como forma de autocontrole. (ELIAS, 1994, p. 198).

Trazendo Norbert Elias ao dialogo, em o *Processo Civilizador: uma história dos costumes*, na qual analisa os efeitos da formação do Estado Moderno sobre os costumes e a moral dos indivíduos. Adentrando as discussões da obra, o referido autor acredita que na medida em que os indivíduos que formam a sociedade são educados, os hábitos indesejados são suprimidos por aqueles mais polidos, corteses e educados. Assim, na busca por essa área na sociedade civilizada, do controle das emoções e do comportamento dos indivíduos, o

controle da violência funciona como um dos pilares dessa civilização. Desta feita, a historiadora Maria de Meneses Silva discorre que,

(...) o homem que não se enquadra dentro dos preceitos de comportamento civilizado é quase de imediato associado aos criminosos, ao delinquente que coloca em risco a harmonia social. O crime é uma ameaça constante à sociedade civilizada porque é uma subversão da ordem que a sustenta. (grifo meu). (SILVA, 2005, p. 213).

Partindo dessa premissa acima citada, compreendemos a violência como uma construção, um processo histórico, como um fenômeno social e cultural, onde segundo o antropólogo Roberto da Matta,

a violência não é um mecanismo social e uma expressão da sociedade, mas uma resposta a um sistema. Quer dizer, nesta lógica, a violência esta tão reificada quanto o poder, o sistema, o capitalismo, etc..., como um elemento que é visto de modo isolado, individualizado da sociedade na qual ela faz sua aparição. (DA MATTA, 2006, p. 18).

Também possibilitada por uma condição de poder, a violência é associada, de acordo com o antropólogo Roberto da Matta, às estruturas do poder ⁵, formas de ação que resultam do desequilíbrio entre fortes e fracos. Assim, a violência é caracterizada como artefato intrínseco, nas mais diferentes instâncias da vida dos indivíduos, principalmente do homem nordestino, pois conforme assevera o historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior:

Dentre os fatores destacados com o intuito de referendarem uma suposta unidade nordestina emergiu a valorização e culto à violência. Não uma violência qualquer, mas ações que destacassem a bravura do nordestino, a riqueza de seu patrimônio moral e o empenho em defender fundamentalmente a honra da família. (ALBUQUERQUE, 2003, p. 79).

A violência se constituía num elemento integrante do sertão cearense. Além da falta de autocontrole do nordestino, notamos o processo da construção e utilização da violência como

⁵ Sobre as relações de poder eminente nas relações sociais ver FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

um mecanismo para a resolução dos conflitos, tensões no cotidiano dos cidadãos. Não queremos aqui, estereotipar o nordestino como sendo apenas o violento e incivilizado e que o nordeste é exemplo claro da naturalização da violência. Identificamos apenas, nas fontes desta pesquisa, uma herança cultural que tem a violência como instrumento que permeia as relações sociais cotidianas. Onde a moral, bravura e honra são ingredientes intrínsecos dessa prática.

De acordo com a antropóloga Mariza Correa, esse traço cultural que traz a violência como chave para resolução de conflitos está inscrita historicamente na tradição brasileira e em seus códigos culturais (CORREA, 1981). Partindo dessa idéia, da herança cultural que tem a violência como instrumento que permeia as relações sociais cotidianas, o historiador Durval Muniz, busca entender a figura do homem nordestino, definido como um homem de hábitos que “(...) se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica”. (ALBUQUERQUE, 2003, p. 162).

Convém refletir também que os agentes reguladores e disciplinadores, utilizam-se também de uma violência, só que os mesmos detêm o monopólio legal dessa violência. Uma vez que, segundo Pierre Bourdieu, o “(...) Estado é detentor do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 1989, p. 146). Deste modo, a Polícia tem um papel fundamental na manutenção da ordem social, só que para manter a ordem e controlar os comportamentos desviantes, muitas vezes utiliza-se também da violência. Nesse sentido, compreendemos que a polícia tem Monopólio legítimo dessa violência. Portanto,

(...) em nossos dias, a relação entre Estado e violência é particularmente íntima (...). É preciso conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, nos limites de um território determinado (...) reivindica com sucesso para seu próprio benefício o monopólio da violência física legítima. O que é com efeito próprio de nossa época é que ela só concede a todos os outros grupos, ou aos indivíduos, o direito de apelar para a violência à medida que o Estado o tolera: este passa a ser, então a única fonte do ‘direito’ à violência” (WEBER, 1963, p. 124-125).

De tal modo, na cidade de Senador Pompeu deste período (1901-1930), a violência e a opressão social também eram patrocinadas pelo Estado, e por seus coronéis, através dos bandos de cangaceiros, usados por aqueles, como forma de controle da sociedade que mantinham sob o seu poder, tanto político, quanto econômico e social. Assim sendo, “(...)

governantes exercem controle sobre os instrumentos de violência legítima, legal, enquanto se detem a evitar a violência ilegítima ou ilegal no resto da sociedade”. (ELIAS, 1994, p. 142).

Há nessa sociedade nordestina no final do século XIX e início do século XX, uma coletividade e suas relações sociais marcadas por um jogo de forças, violência e civilização. Desta feita, nesse jogo de Violências X Ausências, representadas nesta análise pela barbárie X civilidade, pela violência X ausência da violência são faces da mesma moeda, e pertencente à mesma história, pois:

Violência e civilização não são excludentes, mas se relacionam intimamente. Assim, o crescimento econômico, o desenvolvimento técnico, as conquistas políticas e jurídicas, a dominação da natureza, a racionalização do mundo, enfim, tudo aquilo que caracterizamos como o progresso moderno não elimina por si mesmo a violência, uma vez que esta não é um resíduo nem da agressividade animal e nem da suposta vida primitiva, mas parece ser antes uma condição antropológica e uma possibilidade inerente da civilização. (ROSARIO, 2011, p. 19).

Desta feita, violência e civilização andam de mãos dadas, constituem-se numa relação próxima, íntima e conflitante. Ser civilizado não elimina a violência, assim como ser violento não elimina a civilidade. O que há nessa conflitante rede é uma relação de simbiose, em que se alterna nas malhas da sociedade, em todos os seus aspectos, econômico, político, ideológico, social e cultural. Assim, nessa competição entre violência e civilização, a cidade de Senador Pompeu constitui-se como um lócus das práticas cotidianas dos indivíduos. Devemos perceber que o processo civilizador baseado no modelo europeu, levado as cidades brasileiras, institui numa mudança em longo prazo na conduta, posturas e nos sentimentos humanos, porém não da mesma forma, ou com a mesma intensidade, sentidas pelos europeus.

Considerações finais

Pensando o palco citadino onde os atores sociais de Senador Pompeu cruzaram suas vidas nas primeiras décadas do século XX, uma realidade aparentemente longínqua e ao mesmo tempo semelhante vem à nossa mente. Falamos daquela debatida por E. P. Thompson em seus estudos sobre a cultura popular tradicional, na Inglaterra do século XVIII para o

século XIX. (THOMPSON, 2011). Mesmo em um contexto diferente desta pesquisa, ele nos faz pensar que as transformações não eliminam totalmente as peculiaridades de cada espaço. É certo que os prenúncios de industrialização na Europa trouxeram a necessidade de policiar os hábitos e costumes dos camponeses, mas isso não ocorreu sem conflitos e com a mesma intensidade sentida por aqueles.

De forma semelhante, vemos engatinhar na cidade de Senador Pompeu algumas necessidades de civilização que caminha de mãos dadas com o crescimento econômico da cidade e com os modelos que vinham das grandes metrópoles, como Fortaleza. Entretanto, como seria possível modelar hábitos e costumes que refletem traços de tantos hiatos culturais? É a partir dessa inquietação que alguns cuidados são postos em evidência. O primeiro deles é pensar Senador Pompeu-CE não como uma cidade que foi modelada pelas ideias de civilização, mas como um espaço em que os reflexos da civilização⁶ e do capitalismo timidamente iriam se misturar as peculiaridades daquele cotidiano no início do século XX. O segundo cuidado diz respeito aos usos dos conceitos. Quando tratamos de violência, lembramos antes de tudo, que os significados que adotamos aqui não são os mesmos compartilhados com a época e os sujeitos que estudamos, pois ela não era descrita ou postulada, mas vivida e sentida, dentro do que Norbert Elias define como pulsão. Desta forma, a civilização, supõe não apenas o controle social dos indivíduos através das mãos do Estado, mas também e, sobretudo, de ferramentas de autocontrole que garantem o equilíbrio emocional da sociedade.

Em suma, podemos inferir que nem as transformações vindas de fora, nem os hiatos culturais de Senador Pompeu devem ser esquecidos. Afinal, entrecruzar mudanças e permanências, conceitos e ações é uma peripécia própria do historiador cultural das cidades. Como diria Lynh Hunt trata-se de “uma história da cultura que nem pode ser reduzida a um produto das transformações econômicas e sociais, nem retornar a um modo de ideias desvinculado das mesmas”. (HUNT, 1992, p. 35). E assim, as relações de conflitos e as conotações de violência estabelecidas na cidade pelos costumes compartilhados, vão dando

⁶ Revisitamos a compreensão de Civilização por Norbert Elias como sendo “[...] uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo poder judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos”. (ELIAS, 1994, 23).

movimento e estabelecem uma ponte sensível ao que resta de vida na história, e ao que se constrói como história de relações vividas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A violência na sociedade contemporânea** [recurso eletrônico]. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2010.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo** – Uma história do gênero masculino (Nordeste- 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

BARBOSA, Carlos Jacinto. **A força do hábito: condutas transgressoras na Fortaleza remodelada**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. UFC/CE.1997.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petropolis: Vozes, 2007.

BLOCH, MARC. **Apologia da História**, ou, o Ofício do Historiador; tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. BOUDIEU, P. **A ilusão biográfica**. Paris: 1986. In: AMADO, J.; FERREIRA, MM. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. Pág. 186. BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 12ª Ed, São Paulo: Companhia das letras, 2006.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes do fazer**. 13ª Ed, RJ: vozes, 2009.

CORREA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo: brasiliense. 1981. Pág. 18.

DA MATTA, **As raízes da Violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social**. IN: A violência brasileira. São Paulo: brasiliense, 2006.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. V.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FABRIS, Annateresa. **Discutindo a imagem fotográfica**. In: Domínios da imagem. Londrina, ano I, n. 1, p. 31-41, nov. 2007.

FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. **Discurso do progresso e o desejo por uma outra cidade: imposição e conflito em Ipu (1894-1930)**. Dissertação de mestrado em história. Fortaleza. Universidade Estadual do Ceará, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. **Uma nova história Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KERN, Maria Lúcia. **Tradição e modernidade: a imagem e a questão da representação**. Estudos Ibero-Americanos. PUQRS, v. XXXI, n. 2, p. 7-22, dezembro 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX** Estudos Ibero-Americanos. PUQRS, v. XXX, n. 2, p. 27-37, dezembro 2004.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidade e a vida do espírito**. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**. Ensaios sobre a cultura visual na idade média. Bauru: EDUSC, 2007.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. **Apresentando a família a partir da violência**. IN: Revista do Arquivo Público do Ceará: cidade e violência, Fortaleza, v.01, n.04. 2005. Pág 12.

WEBER, 1963, p. 124-125. Apud: WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.